

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: OUSMANE SEMBÈNE
25 de Agosto e 5 de Setembro de 2020

BOROM SARRET / 1963

Realização e Argumento: Ousmane Sembène / Fotografia: Christian Lacoste / Montagem: André Gaudier /
Assistência de Realização: Ibrahima Barro / Intérpretes: Ly Abdoulaye ("Borom Sarret", condutor),
Albourah (o cavalo).

Produção: Les Films Domirev (Senegal), Les Actualités Françaises (França) / Participação: Ministère
Coopération (França) / Cópia: em DCP (versão restaurada, original em 16mm), preto e branco, versão
original legendada electronicamente em português / Duração: 20 minutos / Inédito comercialmente em
Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 17 de Novembro de 1995, "Cinemas de África".

LA NOIRE DE... / 1966

Realização e Argumento (segundo um conto de Ousmane Sembène publicado na colectânea "Voltaique"):
Ousmane Sembène / Fotografia: Christian Lacoste / Montagem: André Gaudier / Som: Charles Dixon,
Yassala B. Sessouma / Assistência de Realização: Ibrahima Barro, Pathé Diop / Intérpretes: Thérèse
MBissine Diop (Diouana), Momar Nar Sene (o jovem), Anne-Marie Jelinck (Madame), Robert Fontaine
(Monsieur), Ibrahima (rapaz com máscara), Bernard Delbard, Nicole Donati, Raymond Lemery, Suzanne
Lemery (convidados), Philippe, Sophie, Damien (as crianças) / Vozes de: Toto Bissainthe, Robert Marcy,
Sophie Leclerc.

Produção: Filmi Domirev (Senegal), Les Actualités Françaises (França) / Participação: Ministère
Coopération (França) / Cópia: em DCP (versão restaurada, original em 35mm), preto e branco, versão
original legendada electronicamente em português / Duração: 59 minutos / Inédito comercialmente em
Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 17 de Novembro de 1995, "Cinemas de África".

TAUW / 1970

Realização e Argumento: Ousmane Sembène / Fotografia: Georges Caristan / Montagem: Mawa Gaye /
Som: El Hadji M'Bow / Assistência de Realização: Ibrahima Barro / Intérpretes: Mamadou M'Bow (Tauw),
Amadi Dieng (Pai), Fatim Diagne (Nafi), Coumba Mane (mãe), Habib Diop (Marabout), Ibrahima Boye
(Ouman), Mamadou Diagne, Papa Yoro (amigos).

Produção: Broadcasting Film Commission para o National Council of Churches / Direcção de Produção:
Paulin Vieyra / Coordenação de Produção: Wesley Adams / Produção Executiva: Herbert F. Lowe / Cópia:
Digital, cor, versão original legendada electronicamente em português / Duração: 27 minutos / Inédito
comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de Ousmane Sembène

Duração total da projecção: 106 minutos

Esta importante retrospectiva dedicada à obra do realizador senegalês Ousmane Sembène (1923-2007), co-programada pela Cinemateca e pelo IndieLisboa, inaugura com uma sessão composta por três dos primeiros filmes daquele que é considerado o primeiro grande cineasta da África negra subsariana. Tratam-se de filmes que correspondem ainda aos primeiros filmes verdadeiramente africanos, ou seja, realizados em África por um realizador africano: **Borom Sarret**, a primeira curta-metragem ficcional que Sembène realiza em 1963 (pouco antes realizou apenas um trabalho de cariz documental, que não teve distribuição comercial) e aquela que é considerada a primeira longa de ficção de origem africana, **La Noire de...** A fechar a sessão, uma curta-metragem menos vista datada já de 1970, **Tauw**.

Ousmane Sembène dirigiu **Borom Sarret** sete anos depois da publicação do seu primeiro romance, *Le Docker Noir* (1956), livro inspirado nos anos em que trabalhou como estivador no porto de Marselha. Já com uma obra literária significativa publicada (em francês), é no início dos anos sessenta que Sembène encara o cinema como a arte que lhe permitiria chegar a uma audiência mais vasta no contexto de uma país recém-independente em que a maior parte da população era analfabeta. Foi assim que decidiu partir de Dakar para estudar cinema em Moscovo, onde foi aluno de Marc Donskoi, contribuindo pouco depois para forjar as bases de um cinema genuinamente africano. Um cinema politicamente empenhado que aborda as grandes mudanças culturais, sociais e políticas experimentadas por tantas nações africanas no período que sucedeu à respectiva independência, reflectindo sobre questões como a alienação cultural e as contradições de sociedades que se procuram afirmar face a uma herança colonial pesadíssima.

Alguns dos traços mais marcantes do cinema de Sembène estão bem presentes nos três filmes desta sessão, que abordam questões centrais para a África sua contemporânea de modo realista, partindo sempre de experiências individuais. Como escreveu Sada Niang, “O próprio Sembène já se definiu como um *griot* moderno que usa a literatura ou o cinema para comunicar com os seus compatriotas sobre questões relacionadas com as suas vidas quotidianas. Tipicamente os seus filmes expõem as experiências comuns das personagens analfabetas vivendo nas margens da sociedade senegalesa, constituindo no entanto a mairia da população.”

Filmado a preto e branco nas ruas de Dakar, e produzido por uma companhia criada pelo próprio Sembène nessa altura, **Borom Sarret** acompanha o quotidiano de um homem que procura ganhar a vida como condutor de uma *charrette* (o termo Borom Sarret designa isso mesmo). Nos cerca de vinte minutos de filme, Sembène traça com concisão um retrato realista do percurso do protagonista e simultaneamente da pobreza e dos contrastes da cidade de Dakar, onde os ainda apelidados “bairros indígenas” se opõem à parte mais rica da cidade, cuja fronteira o condutor ousa transpôr, cometendo uma ilegalidade que lhe custa o seu instrumento de trabalho. O percurso “trágico” desta personagem dá-nos assim conta da violência espacial da cidade e da sua forte segregação, que traduz o passado colonial num momento em que ainda se firmava a independência desta ex-colónia francesa.

É notório o simbolismo de algumas das sequências de **Borom Sarret** e do modo como são filmadas. Veja-se como a assimetria das relações sociais se espelha nos sucessivos picados e contra-picados que registam o encontros entre o condutor e um mendigo, e posteriormente entre o condutor e o polícia, que lhe apreende a charete e pisa a sua condecoração. Entre o cortejo fúnebre do corpo de um bebé, a negação da sua entrada no cemitério por razões burocráticas, e o roubo do próprio protagonista por um compatriota que insistia na importância dos seus “conhecimentos e relações” traça-se o destino de “Borom Sarret”, que ao fim de mais um dia de trabalho vê a esperança no futuro a vacilar, como perceberemos pelo monólogo interior que nos acompanha ao longo de todo o filme. O som é na realidade um dos aspectos mais curiosos de **Borom Sarret**, uma vez que é preenchido na sua quase totalidade por música africana (a grande excepção são as imagens da cidade moderna com os seus grandes prédios e ruas quase vazias ao som de Bach) e pela verbalização dos pensamentos do

protagonista, que se tornam mais ácidos no final: “Isto é a prisão, isto é a vida moderna. A vida neste País”. Eis a força do cinema de Sembène que, de um modo directo e quase-documental, nos revela as contradições de um País em construção.

La Noire de..., a primeira longa-metragem de Sembène e o filme que lhe valeu o reconhecimento internacional, baseia-se num conto homónimo do autor. Retrata a chegada a solo francês de Diouana, uma jovem senegalesa contratada como *babysitter* por um casal franceses que a leva para Côte d’Azur, onde vive aprisionada e perde todas as referências. Num primeiro nível, **La Noire de...** corresponde à história de muitos emigrantes, mas o seu contexto e complexidade transforma o filme numa metáfora de situação de vários países africanos após a independência, traduzida no percurso de Diouana que vê frustradas todas as suas expectativas quando ultrapassada a realidade idealizada e se confronta com a exploração. Testemunhando o importante papel que o cineasta reservará às mulheres no seu cinema, Diouana afirma-se ainda como uma das primeiras grandes personagens consumidas por questões de ordem existencial, sublinhando como o Sembène enfatiza repetidamente a expressão de valores básicos africanos, através da centralidade assumida pela noção de pertença cultural e espiritual a uma comunidade, em oposição a uma total alienação.

À chegada, à apresentação das vistas sobre a Côte d’Azur, sucede-se a apresentação da casa e de um conjunto de tarefas domésticas que constituirão a prisão da protagonista. Só e desenraizada, Diouana define num mundo que lhe é estranho, num papel de criada que não imaginava o seu, e numa França que vê como “um buraco negro”, restando-lhe as memórias da terra natal. A denúncia do racismo e de um colonialismo opressor encontra alguns dos seus momentos mais emblemáticos no modo como padrões e convidados tratam Diouana, o que não deixa margem para mais dúvidas à protagonista.

La Noire de... revela ainda claramente como a originalidade da estética do cinema de Sembène assenta em grande parte em estruturas narrativas que tiram pleno partido da tradição oral africana. Mais complexo que **Borom Sarret**, pois assenta numa combinação de um idêntico monólogo interior com sequências mais dialogadas que são entrecortados por flashbacks, **La Noire de...** é também um filme em que a exploração da subjectividade da protagonista na sua longa jornada é acompanhada por uma filmagem extremamente objectiva dos espaços que atravessa (neste caso nos flashbacks em Dakar), carregando assim o peso histórico das divisões coloniais. Em **La Noire de...** há mesmo uma ponte pedonal que separa as duas cidades simbolizando a cisão entre os dois mundos.

A fechar a sessão apresenta-se **Tauw**, curta-metragem produzida pela Broadcasting Film Commission para o para o National Council of Churches, uma instituição pública educativa senegalesa. Filme a cores e mais modesto que os anteriores, deixa-nos face a uma história de desemprego e de falta de perspectivas, centrado-se no jovem Tauw e na sua família. As deambulações com os amigos e as conversas e discussões com os pais preenchem a maior parte de uma ficção em que através o irmão mais novo de Tauw são simultaneamente expostas as contradições de uma educação religiosa e se prossegue uma crítica à autoridade. Se o pai exerce o seu poder sobre os seus filhos e a mulher, o professor de Corão explora claramente os seus alunos. No fundo cruzam-se aqui os universos dos filmes anteriores: o mesmo desespero dos protagonistas, uma crítica à burocracia do Estado e à corrupção, e uma descrença num futuro próximo dez anos passados da independência do Senegal. Através destas personagens, Sembène confronta mais uma vez modernidade e tradição, expressas nos seus modos de vida e na dicotomia entre a “cidade europeia” e os bairros pobres onde habitam, transformando os percursos individuais dos protagonistas em alegorias mais généricas sobre a condição humana.

Joana Ascensão